

# Sobre livros, leituras e literatura

Sandra Regina Nunes

## Resumo

O artigo “Sobre livros, leituras e literatura” traz a reflexão sobre o ensino de literatura e o gosto pela leitura em tempos de cyberspace.

### Palavras-Chave

Literatura, Leitura, Comunicação

## Abstract

The article “On Books, Readings and Literature” brings some discussion about the teaching of Literature and the pleasure of reading in the cyberspace era..

### Keywords

Literature, Reading, Communication

Em “Sobre leitura e os livros”, Schopenhauer afirma que ao se ler “outra pessoa pensa por nós”. No contato com “aquelas palavras” somos dispensados de pensar e deixamo-nos levar pelo pensamento do autor.

Apreendida superficialmente, a crítica de Schopenhauer pode ser interpretada como uma apologia da não leitura. Mas é exatamente isso o que não se pode fazer: lê-lo num relâmpago. O ensaio de Schopenhauer deve ser compreendido pelo seu reverso. A leitura deste texto funciona como uma prática do que expõe o filósofo: não se deve ler sem profundidade; deve-se ler atentamente.

Ao ler-se sem aprofundamento, corre-se o risco da incompreensão das idéias do outro, tornando o ato de leitura um grande vazio. Um texto, um bom texto para Schopenhauer, pede um gesto que desperte nossos próprios pensamentos. A leitura pela leitura – em quantidade, sem qualidade – faz com que se perca “gradativamente a capacidade de pensar por si mesmo”.

Schopenhauer acredita que o abominável neste modo de ler é a não possibilidade de se despertar o que está “*in potentia*” em cada um de nós. A leitura “precisa deixar marcas no espírito”. O leitor – um leitor forte – não pode se tornar um mero reproduzidor de idéias; estas devem fazer brotar as suas próprias.

A qualidade literária de um texto, então, torna-se fundamental para esse vir a ser. O autor considera que “a capacidade de persuasão, a riqueza de imagens, o dom da comparação, a ousadia, ou amargura, ou a concisão, ou a graça, ou a leveza de expressão, ou mesmo a argúcia”<sup>1</sup> se adquirem quando se lê escritores que têm tal qualidade, e estas qualidades são evocadas em nós. “Essa é a única maneira de a leitura ensinar a escrever, na medida em que ela nos mostra

o uso que podemos fazer de nossos próprios dons naturais.”<sup>2</sup>

“Os livros ruins deveriam ser banidos”, brada o filósofo. A atualidade de seu texto está na crítica à indústria cultural em formação. Schopenhauer observa a quantidade de livros ruins no mercado e a valorização que se dá a estes, “essa abundante erva daninha da literatura que tira nutrição do trigo e o sufoca”, roubando o “tempo, dinheiro e atenção do público”. Acredita que se deva ler só o que não é objeto de ocupação do grande público. “Não ler o que é ruim, pois a vida é curta, e o tempo e a energia são limitados”.<sup>3</sup>

Duas indagações podem ser feitas a partir daí: como se ensinar a ler atentamente no mundo do pronto, da prótese e do prozac?<sup>4</sup> E como estimular a leitura do que nutre e não sufoca?

Se um signo sempre nos remete a outro, os “poetas fortes”<sup>5</sup> também, assim como as reflexões sobre um tema. Uma das respostas possíveis, então, pode vir de Degas, na pergunta a Mallarmé sobre a composição poética: “- Stéphane, idéias maravilhosas não me faltam – mas eu não consigo fazer um poema”. E este responde: “Meu caro Edgar, poemas não se fazem com idéias – mas com palavras”.<sup>6</sup>

A leitura do texto literário pede que se adentre a um universo de palavras, ou de linguagem. E que linguagem é essa? Baudelaire acredita ser a do “senhor todo mundo”, a mesma cotidiana. Sem entrar na discussão escorregadia sobre o literário e não-literário, peguemos como referência Jakobson e a sua definição de literatura como uma violência organizada da fala comum. Assim essa é e não é a linguagem comum.

A linguagem literária pressupõe um deslocamento, e conseqüentemente, a provocação de um estranhamento, por se estar diante de um universo singular, o universo do autor. “O poeta faz linguagem para generalizar e regenerar sentimentos”, lembrará Décio Pignatari nas suas lições sobre poesia.

Muitos escritores afirmam que mergulhar na vida e mergulhar na linguagem é quase a mesma coisa. Pode-se dizer que mergulhar na vida e na literatura é quase a mesma coisa. Alguém contou que se viesse um ditador e lhe pedisse para escolher dentre as disciplinas a qual permaneceria, pois teria



Capa do livro *Ficções* de Jorge Luis Borges, a Editora Globo S.A. Foto de Sara Facio.

que excluí-las, ficaria com a literatura, já que só essa propiciaria uma visão universal do homem.

Ensinar literatura pressupõe conduzir-se para a apreciação estética do texto literário. Mostrar que essa violência organizada brota de um trabalho árduo com a linguagem. “O gênio é o esforço”, confessa Flaubert em suas *Cartas Exemplares*. Escrever requer esforço físico. Em seu texto *O pintor da vida moderna*, Baudelaire traz a imagem do pintor – e podemos associar ao escritor – como o do que luta com o papel para traduzir de maneira única as formas do cotidiano que lhe impregnaram o olhar.

Décio Pignatari, ao iniciar seu livro sobre *Comunicação Poética*, assinala para seus leitores como a escrita consumiu parte da vida de muitos autores que produziram uma só obra. O exemplo do poeta ilustra o quanto bons textos pedem tempo e cuidado.

Murilo Rubião, escritor mineiro, cujo gesto principal é o de escrever e reescrever seus contos, em uma de suas entrevistas, afirma que demorou vinte anos para escrever o conto “O Convidado” e que isso não o incomodava, pois lhe parecera melhor ter poucos textos publicados, com um rigor de forma.

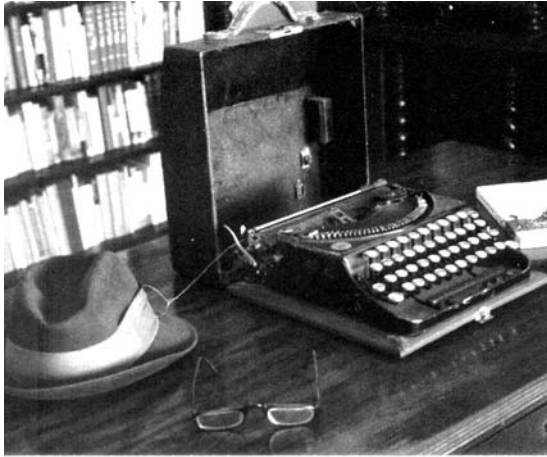


Foto do Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais.

Escrita, leitura e estudo de literatura relacionam-se e pedem atitudes semelhantes: debruçar-se atentamente sobre o texto. Costumo lembrar aos meus alunos – sempre impacientes com a aprendizagem – que a noção de gênio criador se esvaiu com a busca da palavra-forma exata. “O gênio é o esforço”, faço ecoar.

Não se torna fácil a compreensão desta frase. Principalmente, para os que vivem – e somos todos, de alguma forma - em um contexto em que a “imagem fala mais do que mil palavras”. Em um mundo eminentemente visual, há que se pensar em estratégias distintas para incitar o desejo de leitura, quiçá sem ser demasiadamente apocalíptico ou integrado.

Vivenciamos, no dizer de Fábio Lucas, uma “época de convite permanente às arenas e aos espetáculos”. A lógica da indústria cultural transforma tudo em *business*, exigindo que todos estejam na mídia: artistas, filósofos, políticos, intelectuais, o que acaba por acentuar o traço próprio desse contexto: o da improvisação e da oralidade, preterindo, grande parte das vezes, o refinamento da escrita e da criação literária. Isto esbarra na sala de aula: a aula deve ter recursos vi-

suais e deve ser dinâmica e engraçada e gostosa e, acima de tudo, ensinar como aprender tudo rápido, sem ter que ler e com alguma utilidade prática. Sempre surge o questionamento: tem que se ler o texto?; para que serve isto?

A resposta vem de Darci Ribeiro: cultura não ocupa espaço. Há que se lembrar também do que dizia Baudelaire sobre os homens de negócios – e como isto se relaciona com o mundo contemporâneo! –, que estes não enxergam nada que não sirva para seus fins, e sobre o que frisou da beleza estar à margem desse universo.

Lógica irônica a atual, pois os meios de comunicação, associados aos negócios, veiculam informações vazias, logo, sem finalidade, mas que não se percebe como tal. Adorno, ao discorrer sobre a Indústria Cultural, ressalta que esta confere um tom de igualdade a tudo: carros, programas de rádios, noticiários, telenovelas. Cria-se uma estética: a do igual.

Por seu poder de questionamento, a literatura constitui-se como um instrumento de percepção do diferente. Antonio Candido, referindo-se ao texto literário e ao prazer estético como Direitos Humanos, diz que a literatura sempre “confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. O crítico vê a literatura como um instrumento poderoso de instrução e educação. Não crê que corrompa ou edifique; sua capacidade de formação é outra. Por trazer livremente “em si o que chamamos o bem e o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”.<sup>7</sup>

Nestes tempos de *cyberespace*, ou nestes tempos de desumanização, parafraseando-plagando Nelly Novaes Coelho, há que se re-humanizar. Por isso torna-se fundamental a leitura dos clássicos. Estes permitem-nos entender as perguntas que nos constituem: quem somos e aonde chegamos. Permitem-nos, em tempos de mudança, olhar além das aparências. A autora cita três versos de Camões para que se compreenda como as mudanças não passam sem a percepção da literatura:

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
Muda-se o ser, muda-se a confiança,  
Todo mundo é composto de mudança.”

Para fazer jus a elas, voltemos o olhar para o outro lado. Umberto Eco, em *Apocalípticos e Integrados*, diz que queiramos ou não, somos parte desse universo dos meios de comunicação de massa e de suas múltiplas linguagens. Assim, a introdução ao universo da leitura, talvez nem sempre se dê pela literatura, ou pela “boa literatura”, como pensou Schopenhauer.

Hoje, como leitora mais atenta, parece-me impossível passar horas diante de *O outro Lado da Meia-Noite*<sup>8</sup>; mas já o fiz um dia. Li fotonovela, vi telenovela, li a Mônica e o Pateta, e adorei as histórias policiais de Gil Gomes. Levaram-me, porém, a perceber a força dos universos construídos pela palavra; a perceber as imagens nunca ouvidas, como dizia Octavio Paz para a poesia.

Um escritor contemporâneo citou em entrevista a um grande jornal paulista que foi conduzido para a literatura pelo Tio Patinhas. O universo dos quadrinhos cultivou-lhe o gosto pela ficção e, posteriormente, pela leitura. Um outro paulista também contou que seu primeiro livro foi *Os Padres também Amam*, de Adelaide Carraro. Muito pobre, não havia em casa livros, e este estava lá por acaso, nos seus quinze anos. Neste momento, a leitura atendeu a uma necessidade imediata de um imaginário adolescente.

Há que se considerar, ainda, que os quadrinhos não são os mesmos. Ascenderam com a percepção



da Arte Pop. O artista visual Fido fez uma belíssima adaptação de Camões para a Coleção Clássicos em Quadrinhos, estabelecendo um diálogo entre o texto camoniano e suas influências do cinema expressionista alemão. Uma forma possível de apresentação do literário.

Nesses novos tempos, cabe, no ensino de literatura, um espaço para a reflexão por outras artes e outros saberes, pontuando-se sempre que a arte – e a literatura – só pode ser arte se desautomatizar a linguagem, o que exige aprofundamento, paciência e consciência de linguagem. Sempre o esforço; esta é a base da genialidade.

## Notas

<sup>1</sup> SCHOPENHAUER. “Sobre leitura e os livros”. *A arte de escrever*. Porto Alegre: L&PM, 2007. p. 35.

<sup>2</sup> Idem, 2007, p. 35.

<sup>3</sup> SCHOPENHAUER, op. cit., p. 37.

<sup>4</sup> Permito-me aqui um empréstimo do trocadilho de Maria Lúcia Homem, utilizado em um texto que fiz a tradução para o espanhol.

<sup>5</sup> Utilizo a noção de poeta forte do crítico americano Harold Bloom. Em sua Teoria da Influência, a idéia de tradição constrói-se pelo diálogo entre textos: “um texto é a desleitura de um outro texto” e um poeta forte sempre deslê um outro poeta forte. Para Bloom esses podem pertencer a distintas áreas das humanidades, pois o pensamento sempre se forma por essa cadeia.

<sup>6</sup> Citado por Décio Pignatari em *Comunicação Poética*.

<sup>7</sup> CANDIDO, Antonio. *Direitos Humanos e Literatura*.

<http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/fester/candid80.htm>. Acesso em 05.05.2008.

<sup>8</sup> Livro do grande autor de Best-sellers Sidney Sheldon

## Referência Bibliográfica

SCHOPENHAUER. “Sobre leitura e os livros”. *A arte de escrever*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

PIGNATARI, Décio. *Comunicação Poética*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

LUCAS, Fábio. *Literatura e Comunicação na era eletrônica*. São Paulo, Cortez, 2001.

FLAUBERT, Gustave. *Cartas Exemplares*. Rio de Janeiro: Imago, Ed. 1993.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura. Uma Introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. *Versos de Amor e Morte*. Camões. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2006.

ADORNO, Theodor. *A Indústria Cultural*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

PAZ, Octavio. *El arco y la lira*. México: Fondo de Cultura, 1998.

CANDIDO, Antonio. *Direitos Humanos e Literatura*. <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/fester/candid80.htm>. Acesso em 05.05.2008.

## Sandra Regina Nunes

Professora de Estética e Comunicação de Massa na FACOM-FAAP e Literatura no Centro Universitário Fieo. Possui pós-doutorado em Teoria Literária pela UFMG.